



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO TÉCNICO, MÉDIO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MARIA DAS DORES BRITO SIMÕES PATRIOTA

DISLEXIA: DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA

MONTEIRO

2014

MARIA DAS DORES BRITO SIMÕES PATRIOTA

DISLEXIA: DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA

Monografia apresentada, ao Curso De Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof^o Dr.Fábio Marques

MONTEIRO

2014

P314d Patriota, Maria das Dores Brito Simões
Dislexia [manuscrito] : dificuldades de leitura e escrita / Maria
das Dores Brito Simões Patriota. - 2014.
28 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Fábio Marques de Souza,
Departamento de Letras".

1. Dislexia 2. Alfabetização 3. Distúrbio. I. Título.

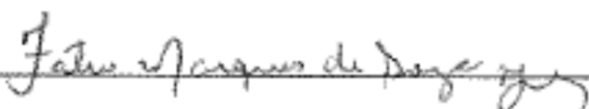
21. ed. CDD 371.9

MARIA DAS DORES BRITO SIMÕES PATRIOTA

DISLEXIA: DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA.

Monografia apresentado, ao Curso De Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovado em 19 de julho em 2014.



Prof. Dr. Fábio Marques de Souza (UEPB)

Orientador



Profa. Dra. Cristina Bongestab (UEPB)

Examinador



Prof. Me. Otacilio Gomes da Silva Neto (UEPB)

Examinador

A minha família, filhos e netos, marido pela convivência e apoio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus colegas da turma de especialização pelo tempo e aprendizagem e convivência e, assim como agradeço à Deus, autor da criação, eterno mestre, motivo de minhas vitórias, não a palavras existem palavras que exprimem a gratidão por mais uma etapa cumprida em minha vida.

Agradeço a banca examinadora.

Ao meu orientador por ter aceitado como sua orientadora nesta jornada de conclusão do curso.

A UEPB pela oportunidade oferecida aos alunos da especialização.

“Ensinar exige consciência do inacabado”

Paulo Freire

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho acadêmico é discutir algumas dificuldades que a dislexia proporciona no processo de alfabetização nas séries iniciais. Tomaremos, portanto, como hipótese que para a uma melhor compreensão sobre as dificuldades que a dislética causa aos seus portadores é necessário saber que este distúrbio não impede o aprendizado escolar,

Palavras-chaves: Dislexia. Alfabetização. Distúrbio.

RESUMEN

El objetivo general de este trabajo académico es discutir algunas dificultades que la dislexía proporciona en el proceso de alfabetización en las series iniciales. Tomaremos, por lo tanto, como hipótesis que para una mejor comprensión sobre las dificultades que a disléxica causa los sus portadores é necesario saber que este disturbio no impeded la enseñanza escolar.

Palabras-claves: Dislexia. Alfabetización. Disturbio

LISTA DE SIGLAS

PCN'S – Parâmetros Curriculares Nacionais

DCN'S – Diretrizes Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. O QUE É DISLEXIA?.....	14
2.TIPOS DE DISLEXIA	Erro! Indicador não definido.
3.COMO LIDAR COM A DISLEXIA EM SALA DE AULA.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

A dislexia é um distúrbio relacionado a uma dificuldade específica na aprendizagem, sobretudo no processo de aquisição da leitura nas séries iniciais. Dessa maneira, a dislexia pode estar associada relacionada a uma espécie de baixo rendimento leitura/escrita que um abaixo rendimento no quociente de inteligência.

Sendo portanto, nosso objetivo geral é discutir algumas dificuldades que a dislexia proporciona no processo de alfabetização nas séries iniciais, como o baixo rendimento na leitura e na escrita. Assim como, buscaremos comentar quais seriam as alternativas que o docente deve tomar para enfrentar em sala de aula

Para então, com o objetivo de discutir/comentar quais são as dificuldades proporcionadas pela dislexia no processo de alfabetização. A justificativa para este estudo está voltada inicialmente para o profissional docente que atua nas séries iniciais de alfabetização e que se depara com alunos disléxicos na sala de aula, mas que não possui conhecimento sobre tal distúrbio ficando então impossibilitado para lidar pedagogicamente com este fenômeno em sala de aula.

Trata-se portanto de uma pesquisa bibliográfica se vale diversos artigos e livros que tratam sobre a temática em questão. Por se trata de uma pesquisa bibliográfica sobre esta temática, utilizou-se como procedimento uma leitura exploratória, sobre a dislexia a partir de autores especializados na área, e por seguinte de uma leitura seletiva do material bibliográfica sobre a temática abordada.

No primeiro capítulo, para buscarmos uma definição sobre o termo dislexia, seu diagnóstico e os problemas que enfrentam os portadores desse transtorno além, recorreremos então ao artigo científico *Dislexia: Como identificar? Como intervir?* de Paula Teles (2004), dentre outros artigos que serão mencionados no decorrer do trabalho.

No segundo capítulo, discutiremos Em seu estudo Almeida (2009) enumera os tipos mais comuns de dislexia a partir do diagnóstico de alguns especialistas como fonoaudiólogos, pedagogos, psicólogos dentre outros especialistas na área.

No terceiro capítulo, por fim, discutiremos quais são as possíveis e mais viáveis alternativas que o docente dispõe para lidar com alunos disléxicos evitando a

reprovação e perspectiva de fracasso escolar que esses alunos podem sofrer principalmente quando o docente tradicionalmente detentor do saber que imprime ou transmite ao estudante verticalmente o conhecimento, ignorando as capacidades e possíveis limitações do mesmo.

Tomando previamente, como hipótese que para a uma melhor compreensão sobre as dificuldades que a dislética causa aos seus portadores é necessário saber que este distúrbio não impede o aprendizado escolar, mas cria um obstáculo (s) que podem ser superado a partir de uma melhor compreensão deste fenômeno em sala de aula.

Para isso é necessário que o docente se conscientizar sobre a necessidade de compreensão da dislexia como um distúrbio e não como um fracasso inato que ameaça o processo de alfabetização.

Além disso, não se tratar pois de oferecer soluções imediatas, ou então, garantir que determinado método ou metodologia seja apropriada a resolução eficaz deste problema, mas conscientizar o docente em exercício na séries iniciais sobre a necessidade de uma melhor compreensão e conhecimento sobre o problema em questão.

1. O QUE É DISLEXIA?

Inicialmente, para buscarmos uma definição sobre o termo dislexia recorremos ao artigo científico *Dislexia: Como identificar? Como intervir?* de Paula Teles (2004), psicoterapeuta especialista em dislexia, segundo a autora a dislexia pode ser classificada e definida da seguinte maneira:

A dislexia é uma perturbação da linguagem que tem na sua génese um défice fonológico. As dificuldades de orientação espacial, lateralidade, identificação direita e esquerda, psicomotoras e grafomotoras são independentes da dislexia. Podem existir subgrupos que, em comorbilidade, apresentem essas perturbações (TELES, 2004, p. 03).

Ainda de acordo com Teles (2003), a dislexia pode está necessariamente relacionado com uma dificuldade específica de aprendizagem, que segundos os diagnósticos de alguns estudiosos a classificaram como uma espécie de baixo rendimento leitura/escrita que um abaixo rendimento no quociente de inteligência.

Em outra definição sobre a dislexia, segundo Gonçalves e Navarro (2012, p.03):

A Fundação Brasileira de Dislexia defende que os pesquisadores têm enfatizado que a dificuldade de soletração é um sintoma muito forte de dislexia. Há o resultado de um trabalho recente que quanto maior a capacidade de leitura da criança, melhor ativação, ela mostra em uma específica área cerebral, quanto envolvida um exercício de soletração de palavras. Esses pesquisadores usaram métodos de Imagem Funcional de Ressonância Magnética, que revela como diferentes áreas cerebrais são estimuladas durante atividades específicas. Essa descoberta enfoca que essa região cerebral é a chave para habilidade de leitura, conforme sugere esses estudos. Essa área, localizada atrás do ouvido esquerdo é a chamada região occipito-temporal esquerda. Cientistas advertem que essa tecnologia não pode ser usada para diagnóstico de pessoas disléxicas.

Para Almeida (2009), o termo *dislexia* é constituído pela contração de duas palavras gregas que significam *dis*, difícil e *lexis*, dificuldade na área da leitura, escrita e/ou soletração. Esse termo que passou a ser usado a partir século XIX, para se referir as dificuldades no aprendizado a leitura e escrita que passam alguns jovens.

Além disso, a dislexia pode ser enfrentada como um fenômeno que de base fonológico universal, que pode apresentar:

Nas línguas mais transparentes, em que a correspondência grafema-fonema é mais regular, como o italiano e o finlandês, são cometidos menos erros. Nas línguas opacas, em que existem muitas irregularidades na correspondência grafema-fonema, como a língua inglesa, são cometidos mais erros (TELES, 2003, p. 08).

Gonçalves e Navarro (2010), utilizam o conceito da Classificação Internacional das Doenças – CID 10, estabelecido pela Organização Mundial da Saúde para definir a dislexia como um:

Conjunto de transtornos nos quais os padrões normais de aquisição de habilidades de leitura são perturbados desde os estágios iniciais do desenvolvimento. Eles não são simplesmente uma consequência de uma falta de oportunidade de aprender, nem são decorrentes de qualquer forma de traumatismo ou doença cerebral adquirida (...). Identificada pela primeira vez por Berklan, em 1881, o termo “dislexia” só foi usado em 1887 por Rudolf Berlin, um oftalmologista alemão (GONÇALVES e NAVARRO, 2012 p. 07).

Ainda de acordo com Gonçalves e Navarro (2010), a dislexia pode ser facilmente identificada como através dos sintomas mais comuns durante a leitura de determinados dígrafos, vogais e consoantes determinadas, vejamos algumas deles:

Os sintomas do distúrbio são: pronúncia com arritmia, omissão de letras ou sílabas, omissão ou adição de sons: Casa lê casaco, prato lê pato; ao fazer a leitura pula-se linha ou volta para a anterior; leitura silabada e lenta para idade, entonação inadequada, palavras mal agrupadas, cortes; hesitações e pontuação não respeitada, dificuldades na interpretação, dificuldades em análise e síntese; dificuldade para resumir; confusão de letras, sílabas ou palavras que se parecem graficamente: a/o, e/c, f/t, m/n, v/u, inversão de letras com grafia similar: b/p, d/p, d/q, b/d, n/u, a/e; inversões de sílaba: am/me, sol/los, sal/las, par/ptra (GONÇALVES e NAVARRO, 2012, p.05).

Podemos considerar que a partir dessa contribuição de Gonçalves e Navarro (2012), que a dislexia também pode afetar negativamente na confiança do estudante durante a leitura, assim como pode afetar a performance do indivíduo na leitura, porém tal fato não estabelece que esses desvios ou lapsos são devido à falta de atenção por parte do indivíduo portador da dislexia, mas ao distúrbio que a mesma provoca esses portadores.

A dislexia persiste apesar de boa escolaridade. É preciso que pais, professores e educadores em geral estejam cientes de que o número de crianças disléxicas é muito grande. Caso não haja uma atenção

especial para esses casos, as crianças acometidas por esse distúrbio serão rotuladas e confundidas com preguiçosas ou más disciplinadas, pois é normal que elas expressem frustração, representada pelo mau comportamento dentro ou fora do ambiente escolar (GONÇALVES E NAVARRO, 2012, p. 06).

De acordo com Teles (2003, p.08) o funcionamento do cérebro de uma pessoa disléxica e afetado em três áreas distintas “hemisfério esquerdo, que desempenham funções chave no processo de leitura (..) na região inferior-frontal é a área da linguagem oral e na (...) na região parietal-temporal é a área onde é feita a análise das palavras”.

Podemos visualizar essas áreas na figura abaixo:



Fonte: Teles (2004)

Em cada área ocorre erros no processamento e na formação das palavras, na leitura e na grafia:

Realiza o processamento visual da forma das letras, a correspondência grafofonémica, a segmentação e a fusão silábica e fonémica. Esta leitura analítica processa-se lentamente, é a via utilizada pelos leitores iniciantes e disléxicos. A região occipital-temporal é a área onde se processa o reconhecimento visual das palavras, onde se realiza a leitura rápida e automática. É a zona para onde convergem todas as informações dos diferentes sistemas sensoriais, onde se encontra armazenado o «modelo neurológico da palavra». Este modelo contém a informação relevante sobre cada palavra, integra a ortografia (TELES,2004, p. 09).

Para Teles (2003) existem três explicações ou hipóteses plausíveis para esse distúrbio na área cerebral como, por exemplo, os leitores disléxicos não ler na mesma intensidade ou velocidade do que os “leitores eficientes utilizam este percurso rápido e automático para ler as palavras. (...) intensamente os sistemas neurológicos que envolvem a região parietal-temporal e a occipital-temporal e conseguem ler as palavras” (TELES, 2003, p. 09).

Os leitores disléxicos dispõem no entanto de um percurso lento:

Analítico para decodificar as palavras. Activam intensamente o girus inferior frontal, onde vocalizam as palavras, e a zona parietal-temporal, onde segmentam as palavras em sílabas e em fonemas, fazem a tradução grafo-fonémica, a fusão fonémica e as fusões silábicas até aceder ao seu significado. Os diferentes sub-sistemas desempenham diferentes funções na leitura (TELES, 2003, p. 09).

Além disso, também é igualmente possui que os indivíduos portadores da dislexia venham a sofrer de um déficit na automatização da área cerebral. Segundo Teles (2003), essa teoria:

O déficit de automatização refere que a dislexia é caracterizada por um déficit generalizado na capacidade de automatização. Os disléxicos manifestam evidentes dificuldades em automatizar a decodificação das palavras, em realizar uma leitura fluente, correta e compreensiva. As implicações educacionais desta teoria propõem a realização de várias tarefas para automatizar a decodificação das palavras: treino da correspondência grafo-fonémica, da fusão fonémica, da fusão silábica, leitura repetida de colunas de palavras, de frases, de textos, exercícios de leitura de palavras apresentadas durante breves instantes (TELES, 2003, p. 12).

2. TIPOS DE DISLEXIA

Em seu estudo Almeida (2009) enumera os tipos mais comuns de dislexia a partir do diagnóstico de alguns especialistas como fonoaudiólogos, pedagogos, psicólogos dentre outros especialistas na área. O resultado disso foram cinco tipos de dislexias classificadas, são elas:

A primeira, a dislexia disfonética, que resulta em dificuldades de percepção auditiva na análise e síntese de fonemas, dificuldades temporais, e nas percepções da sucessão e da duração.

Além disso, também é muito comum dificuldades no “reconhecimento e na leitura de palavras que não têm significado, alterações na ordem das letras e sílabas, omissões e acréscimos, maior dificuldade na escrita do que na leitura, substituições de palavras por sinônimos” (ALMEIDA,2009, p.05).

Por se tratar de uma dificuldade no campo da escrita o estudante pode apresentar dificuldades potenciais na aprendizagem na séries iniciais, conforme comenta Serra (p.13, 2008):

Este modo as crianças que apresentam esta dificuldade de aprendizagem: mudam frequentemente a forma das letras, apresentam movimentos parasitas e traçados angulosos e irregulares; não respeitam as margens e desrespeitam as linhas; a pressão que aplicam no lápis. O dia-a-dia da dislexia na sala de aula ou caneta, tanto é excessiva como deficitária; têm dificuldades na direccionalidade dos giros das letras; apresentam ligamentos defeituosos entre letras, caracteres indecifráveis, anarquia nos trabalhos e conseqüentemente apresentação deficiente.

Enquanto, por sua vez, a segunda, a dislexia diseidética, que está relacionada com dificuldades na percepção visual do indivíduo, sobretudo na sua percepção gestáltica do indivíduo que devido a uma alta carga emocional demonstrar durante na leitura e escrita os indivíduos apresentam uma série de dificuldades, como por exemplo, segundo Almeida (2009) na “análise e síntese de fonemas leitura silábica, sem conseguir a síntese das palavras, aglutinações e fragmentações de palavras, troca por equivalentes fonéticos” (ALMEIDA,2009, p.05).

Sendo que este tipo de dislexia apresenta uma dificuldade maior na leitura do que na escrita, por se tratar de uma dificuldade no campo da visual do sujeito. Para Pinto (2012), esse tipo de dislexia é o mais comum em vários casos, pois:

Embora tenham sido utilizadas várias expressões equivalentes para definir as dificuldades específicas de leitura, o termo tradicionalmente mais utilizado é o de dislexia. Deste modo o termo dislexia é atualmente aceite como referindo-se um subgrupo de desordens dentro do grupo das dislexias (PINTO, 2012, p. 22).

Ainda de acordo com Pinto (2012), essa dificuldade no campo da leitura afeta drasticamente a capacidade de expressão do indivíduo através da leitura, pois o mesmo não consegue se expressar satisfatoriamente tão quanto gostaria:

A leitura é uma extraordinária aptidão específica do ser humano, no entanto, distintamente não natural, é adquirida na infância, faz parte intrínseca da nossa existência como seres civilizados e é tida como garantida pela maior parte dos indivíduos. Enquanto crianças, sentimo-nos suficientemente motivadas, e facilmente aprendemos a ler. A crença de que leitura surge de forma natural e com facilidade a todas as crianças não corresponde à verdade. Um número substancial de crianças bem-intencionadas, incluindo algumas muito inteligentes, sentem dificuldades em aprender a ler, não sendo falha sua (PINTO,2012, p.24).

O terceiro tipo de dislexia, a dislexia visual, que está relacionada com a coordenação visomotora do indivíduo afetado por esse transtorno “deficiência na percepção visual; na coordenação visomotora, não visualiza cognitivamente o fonema.” (PINTO,2012, p.24).

No quarto tipo de dislexia, a dislexia auditiva, está relacionada com a deficiência comum na área auditiva do indivíduo na deficiência na percepção auditiva, na memória auditiva dos portadores. No entanto, a variedade ou tipo de dislexia que nos interessa e a dislexia lexical que reside “na operação da rota lexical (preservada ou relativamente preservada a rota fonológica), afetando fortemente a leitura de palavras irregulares” (ALMEIDA,2009, p.10).

3.COMO LIDAR COM A DISLEXIA EM SALA DE AULA

Neste ponto, reside o perfil do tipo que os leitores disléxicos gostam de focar, como por exemplo, aqueles que sofrem de uma os erros habituais são silabações, repetições e retificações durante o processo de ensino e aprendizagem, além disso, também são e, quando pressionados a ler rapidamente, cometem substituições e lexicalizações; às vezes situam incorretamente o acento prosódico das palavras. Sobre este fato, Lima e Lucci (2005), também corroboram sobre os efeitos negativos que a dislexia proporciona aos seus portadores:

As dificuldades verificadas na dislexia são muitas vezes inesperadas, nomeadamente quando se considera o nível de outras capacidades cognitivas e a existência de uma instrução adequada. A história de instrução do indivíduo é um aspecto crítico para a compreensão da natureza das dificuldades de leitura observadas. Muitas crianças correm o risco de falharem na leitura devido a desvantagens ao nível da educação na primeira infância e das experiências na pré-escola. Deste modo, entram frequentemente na escola sem terem adquirido muitas capacidades linguísticas e de “préleitura” essenciais (e.g., sensibilidade fonológica, vocabulário), fundamentais para um desenvolvimento normal da leitura (Lyon, Shaywitz, & Shaywitz, 2003). Se a instrução não for ajustada ao ensino das competências que a criança não domina, a falha na leitura ocorre frequentemente. Contudo, na dislexia, as dificuldades persistem mesmo se a instrução é apropriada (LIMA e LUCCI, 2005, p. 08).

Além disso, o fator emocional que passa o estudante disléxico também é um aspecto importante na interferência da performance do estudante, pois o portador da dislexia é razoavelmente introvertido e tímido diante de exercícios de leitura e sofre com diante de suas limitações reais.

Ainda de acordo com Lima e Lucci (2005, p.09):

Os indivíduos com dislexia tendem a ser mais lentos e imprecisos a nomear figuras de objectos familiares e os estudos têm também revelado uma menor capacidade na objetos de informação verbal na memória a curto prazo. Ora, sabe-se que a codificação fonológica desempenha um papel importante na memória a longo e a curto prazo, o que demonstra que a ideia do défice fonológico é coerente com as dificuldades dos disléxicos no armazenamento e recuperação de informação verbal da memória. À dislexia associam-se também dificuldades com a linguagem falada. Muitas vezes, os indivíduos com esta perturbação têm dificuldade em pronunciar palavras novas e despendem de mais esforço para as aprender.

Além disso, conforme Fonseca (1985) reforça sobre as concepções acerca das crianças com dificuldades no processo de ensino e aprendizagem não devem ser tratadas como diferentes das demais, mas como indivíduo que necessita de meios mais adequados para a sua aprendizagem. Isso se adequa perfeitamente ao perfil do aluno disléxico que possui limitações devido ao transtorno, mas não possui déficit intelectual devido ao transtorno.

A partir destas reflexões, podemos dizer que os autores definem a dislexia como sendo um distúrbio, implicando na dificuldade da leitura, soletração e escrita, independentemente de classe sociais e níveis de inteligências.

Dislexia não é doença, é um distúrbio que afeta uma grande parte da população, são pessoas inteligentes, mas que precisam de um tempo maior em relação aos não disléxicos. São pessoas criativas, com uma percepção emocional avantajada, muitas vezes confundidos como hiperativos e desatentos, por não terem motivação em concentrar-se em algo que não conseguem reconhecer seu significado (OLIVEIRA, 2009, p. 34).

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia: “Dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem caracterizado pela dificuldade de decodificação das palavras simples, mostrando uma insuficiência no processamento fonológico” (ALMEIDA, 2009, p. 09).

Almeida (2009) ainda oferece outros casos e detalhes interessantes sobre a dislexia:

Em um levantamento feito pela ABD, em média 40% dos casos diagnosticados na faixa mais crítica, entre 10 a 12 anos, são de grau severo, 40% são de grau moderado e 20% de grau leve, existe maior incidência em meninos do que em meninas. Segundo Aliende e Cobdenmarin a dificuldade de aprendizagem relacionada com a linguagem (leitura, escrita e ortografia), pode ser inicial e informalmente (um diagnóstico mais preciso deve ser feito e confirmado por neurolingüista) diagnosticada pelo professor da língua materna, com formação na área de Letras e com habilitação em Pedagogia (ALMEIDA, 2009, p. 10).

A dislexia pode ser facilmente identificada se observa alguns critérios como esses citados abaixo:

- a) A criança movimenta os lábios ou murmura ao ler?
- b) A leitura silenciosa é mais rápida que a oral, ou mantém o mesmo ritmo de velocidade?
- c) A criança costuma movimentar a cabeça ao longo da linha?
- d) A criança demonstra excessiva tensão ao ler?
- e) A criança efetua excessivos frequentes retrocessos da vista ao ler?
- f) A criança costuma seguir a linha com o dedo?

Para então determinar um diagnóstico da dislexia Teles (2003) argumenta que o diagnóstico desse distúrbio geralmente pode ser classificado segundo o Manual de Diagnóstico e Estatística de Doenças Mentais, o denominado DSM IV, que inclui a dislexia no quadro das perturbações de aprendizagem, ou então, no quadro de “perturbação da leitura e da escrita” utilizando a denominação que estabelece como critérios para a análise os seguintes pontos:

A. Nível de rendimento na leitura/escrita:

O rendimento na leitura/escrita, medido através de provas normalizadas, situa-se substancialmente abaixo do nível esperado para a idade do sujeito, quociente de inteligência e escolaridade própria para a sua idade (TELES, 2003, p. 34).

B. A perturbação na aprendizagem e Défice sensorial

A perturbação interfere significativamente com o rendimento escolar, as actividades da vida quotidiana que requerem aptidões de leitura/escrita. Se existe um défice sensorial, as dificuldades são excessivas em relação às que lhe estariam habitualmente associadas (TELES, 2003, p. 34).

Contudo, conforme Ercolin (2008), não devemos nos apressar em fazer precocemente o diagnóstico de um estudante disléxico, pois “é importante lembrarmos que dentro da teoria construtivista, inverter e suprimir letras, são naturais durante o processo de aprendizagem” (ERCOLIN, 2008, p. 09).

Além disso, também não deve:

Verificar adequadamente a idade da criança, em que fase está, se frequentou pré-escola ou não, se há estímulos no lar para a escolarização, etc, correremos o risco de rotular crianças que apenas estão se desenvolvendo normalmente, criando uma geração de falsos disléxicos (ERCOLIN, 2008, p. 09).

Ainda de acordo com Ercolin (2008), o docente deve ser cuidadoso, pois o maior risco é ver estas crianças alijadas do processo de aprendizagem devido pertencer a uma categoria discriminada como tendo problemas de aprendizagem. Todos nós sabemos o que acontece com crianças com diagnóstico, e infelizmente na maioria das vezes, não significa maior cuidado e empenho do professor da sala de aula.

O diagnóstico não exige exames específicos, apesar de ser uma doença neurológica, isto se deve a não existência de exames que consigam fazer tal diagnóstico. O diagnóstico é eminentemente clínico, onde não se realiza, via de regra, uma profunda investigação das condições de ensino daquele que é examinado. O tratamento não se baseia, na maioria das vezes, no uso de medicação (ERCOLIN, 2008, p. 12).

Normalmente o aluno diagnosticado como portador da dislexia, segundo Ercolin (2008), não deve ser rotulado em sala de aula como um estudante incapacitado durante o processo de ensino aprendizagem, além disso, deve-se ter ressalvas com o diagnóstico da disléxica:

Possui uma certa em sala de aula além do fato seja qual for o rótulo dado, será visto como um aluno que não é da responsabilidade do professor. Própria ABD (Associação Brasileira de Dislexia) preconiza que o diagnóstico deve ser realizado por uma equipe multidisciplinar, que precisa descartar fatores como déficit intelectual, disfunções ou deficiências auditivas e visuais, lesões cerebrais (congenitas e adquiridas), e desordens afetivas anteriores ao processo de fracasso escolar (ERCOLIN, 2008, p. 12).

Podemos comparar a concepção de Ercolin (2008), com as definições de Gonçalves e Navarro (2012), sobre a dificuldade que o professor das séries iniciais em sala tem em detectar a dislexia:

Cabe à escola, juntamente com o professor, incluir este aluno na sala de aula, trabalhando para com que este aluno consiga amenizar seu

distúrbio de aprendizagem. É importante enfatizar que a dislexia não é amenizada sem um tratamento apropriado. Não se trata de um problema que é superado com o tempo, ela não pode passar despercebida (GONÇALVES, NAVARRO, 2012, p. 05).

Para esses autores, o professor deve possuir bom senso para educar e trabalhar pedagogicamente com crianças disléxicas “o professor necessita ser capacitado e ter conhecimento a respeito do problema. Muitos professores, preocupados com o ensino das primeiras letras, e não sabendo como resolver as dificuldades” (GONÇALVES, NAVARRO, 2012, p. 05).

Além disso, também é muito comum que o docente trata mesmo que erroneamente os discentes com dislexias como doentes em potencial:

Apresentadas por seus alunos, várias vezes os encaminham para as diversas clínicas especializadas que os rotulam como ‘doentes’, incapazes ou preguiçosos. Na realidade, muitas dessas dificuldades poderiam ser resolvidas dentro da própria escola (...) Nesse sentido, o professor pode e deve ajudar seu aluno, trabalhando com a autonomia do mesmo, para que ele se sinta independente em tudo, acolhendo-o e respeitando-o (GONÇALVES, NAVARRO, 2012, p. 05).

Assim como, também se faz necessário que o professor “é o maior responsável por facilitar o dia-a-dia do disléxico, criando alternativas de trabalhar dentro da sala de aula através da prática de repassar ao aluno o resumo do programa a ser desenvolvido, além de expor no início do ano” (GONÇALVES, NAVARRO, 2012, p. 09).

Ainda de acordo com Gonçalves e Navarro (2012), os recursos utilizados pelos autores devem também auxiliar os portadores da dislexia, como material de apoio especial, mesmo sendo os recursos mais simples para a sala de aula, Gonçalves e Navarro (2012, p.09):

Qual matéria e quais métodos serão utilizados; iniciar cada novo conteúdo com um esquema mostrando o que será apresentado no período; usar vários recursos de apoio para apresentar a lição à classe, além de usar de forma organizada o quadro negro, utilizar também projetor de slides e vídeos; evitar dar instruções orais e escritas ao mesmo tempo; avisar antecipadamente quando houver trabalho que envolvam leitura para que a aluno encontre outras

formas de realizá-lo; propor, sempre que houver oportunidade, trabalhos em grupo e atividades fora da sala de aula, como dramatizações, entrevistas e pesquisas de campo; fazer revisões com tempo suficiente para que o aluno tire suas dúvidas do assunto abordado; autorizar o uso de tabuadas, calculadoras e dicionários durante as atividades e avaliações; aumentar o tempo para atividade escrita, ler enunciados em voz alta e verificar se todos entendem o que está sendo pedido.

Um das estratégias que podem ser utilizadas segundo os autores é Gonçalves e Navarro (2012), e podem auxiliar os estudantes disléxico e os professores que atuam no processo educativo. Tais estratégias não respostas decisivas para o problema em questão, mas meios que podem auxiliar os docentes em questão:

Alguém estar ao lado para ler os enunciados ou explica-los, caso a criança tenha dúvidas; dividir a leitura de livros com a criança: a criança lê uma parte, a mãe (pai ou responsável, etc.) outra; começar a leitura do livro muito antes da avaliação para se ter tempo para leitura de pequenas partes por vez; procurar livros, sites, revistas que demonstrem através de figuras, desenhos que possam facilitar a compreensão; alugar filmes que retratem questões históricas ou literárias, que estão sendo vistas na escola também ajudam na compreensão (GONÇALVES, NAVARRO, 2012, p. 06).

Teles (2012) também afirmar que podemos trabalhar com uma criança disléxica quando realizamos um trabalho para o perfil de uma criança disléxica “no dia-a-dia, do indivíduo que também observar a criança e perceber o que para ela funciona melhor: estudar à tarde, pela manhã ou à noite, sozinha ou acompanhada” (TELES, 2012, p.41).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa bibliográfica sobre a temática da dislexia em sala de aula, buscando destacar que para o docente que atua nas séries iniciais se faz necessário conscientizar sobre as dificuldades que passamos indivíduos portadores da dislexia, e que principalmente se tornam obstáculos sérios na aprendizagem, em especial durante a fase de alfabetização.

Além disso, também é necessário que o docente entenda e compreenda que a dislexia é um distúrbio na linguagem, com causa e origem no déficit fonológico, que possui como dificuldades na leitura e na escrita principalmente. Um distúrbio não é uma doença, mas uma dificuldade que pode ser superada pelo estudante em questão.

De acordo com Teles (2003), a dislexia pode estar necessariamente relacionada com uma dificuldade específica na aprendizagem de crianças durante as séries iniciais. Dessa maneira, os indivíduos portadores desse distúrbio estão submetidos a uma falta de estima própria ou descrédito devido a suas limitações mais sérias, como os diagnósticos de alguns estudiosos a classificaram como uma espécie de baixo rendimento leitura/escrita que um baixo rendimento no quociente de inteligência.

Também recorreremos outros teóricos e estudiosos da área, como Almeida (2009), que definiu a dislexia como uma dificuldade na área da leitura, escrita e/ou soletração. Esse termo que passou a ser usado a partir do século XIX, para se referir a dificuldades no aprendizado na leitura e escrita que passam alguns jovens.

Além disso, a dislexia pode ser enfrentada como um fenômeno que tem base fonológica universal, que pode apresentar. Isso se adequa perfeitamente ao perfil do aluno disléxico que possui limitações devido ao transtorno, mas não possui déficit intelectual devido ao transtorno. A partir destas reflexões, podemos dizer que os autores definem a dislexia como sendo um distúrbio, implicando na dificuldade da leitura, soletração e escrita principalmente.

Para isso, então faz necessário que o docente se conscientize sobre a necessidade de compreensão da dislexia como um distúrbio e não como um fracasso inato que ameaça o processo de alfabetização.

Tomando previamente, como hipótese que para uma melhor compreensão sobre o distúrbio disléxico, e principalmente sobre suas dificuldades podemos destacar que a dislexia causa aos seus portadores é necessário saber que este distúrbio não

impedi o aprendizado escolar, mas cria um obstáculo (s) que podem ser superado a partir de uma melhor compreensão deste fenômeno em sala de aula.

Além disso, não se tratar pois de oferecer soluções imediatas, ou então, garantir que determinado método ou metodologia seja apropriada a resolução eficaz deste problema, entretanto deve-se conscientizar o docente em exercício na séries iniciais sobre a necessidade de uma melhor compreensão das dificuldades enfrentadas pelos alunos em especial e conhecimento sobre o problema em questão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Giselia Souza dos Santos de. Dislexia: O Grande Desafio em Sala de Aula. REVISTA DON DOMÊNICO. Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Faculdade Don Domênico. 2ª ed. 2009.

ERCOLIN, Eliza Helena. Dislexia: mais um Diagnóstico para justificar o fracasso da Escola 2008 On-line <http://revista.univar.edu.br> Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar (2012) n.º7 p. 81 - 85.

FONSECA, Vítor. *Uma Introdução às Dificuldades de Aprendizagem*. Lisboa: Editorial Notícias, 1985.

GONÇALVES, Divina Lucia Sousa. NAVARRO, Elaine Cristina. Como trabalhar com criança disléxica. On-line <http://revista.univar.edu.br>. Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar (2012) n.º7 p. 81 – 85.

NAVARRO, Elaine Cristina. GONÇALVES, Divina Lucia Sousa. Como Trabalhar com Criança Disléxica. Disponível em: < <http://revista.univar.edu.br> Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar (2003). Acesso em dez 2013.

OLIVEIRA, Ana Paula Dozza. Monografia da graduação. A dislexia fator implicador na aprendizagem da linguagem na visão dos professores. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul de Minas Gerais, 2013.

PINTO, T. R. K. Dislexia em sala: como lidar Disponível em: < <http://revista.univar.edu.br> Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar (2003). Acesso em dez 2012.

SERRA, Helena. Domínio cognitivo. Estudos em necessidades educativas especiais. Serzedo: Gailivro SA. Disponível em: < <http://revista.univar.edu.br> Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar (2003). Acesso em dez 2012.

TELES, Paula. Dislexia: Como identificar? Como intervir? Disponível em: <
<http://revista.univar.edu.br> Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar (2003). Aces.
em dez 2013.